

Meu atlas.

Quando o atlas ainda era livro, o mundo desfilava entre os dedos. Meu avo costumava contar, saudoso, como isto se dava. Possuia ele dois de tais atlas-livro. Um deles se encontrava sobre a "escrivaninha". Trata-se de mesa que sustentava papeis a serem cobertos de letras. O outro estava na sala entre os "impressos". Com este termo eram designadas folhas de papel enegrecidas mecanicamente. O meu avo "consultava" tais dois atlas com propositos diferentes. ("Consultar" era o termo utilizado para designar a recuperacao de dados.) O primeiro atlas era instrumento de trabalho, o segundo servia a meditacao contemplativa. Meu avo era "escritor", isto e: fabricante de textos. O primeiro atlas servia para ele localizar os eventos que "descrevia", isto e: transcodificava em letras do alfabeto. O segundo atlas permitia a meu avo de ter uma visao global dos eventos que tinha "lido", isto e: decodificado. De forma que o atlas era, simultaneamente, meio para mergulhar as reflexoes no mundo, e para tomar distancia do mundo.

No entanto, dizia meu avo, a crise geral de confianca ja havia comecado a roer os atlas. A projecao Mercator, do ano 1569, nao mais era fiavel: deformava as proporcoes das terras. Por isto Winkel tinha proposto, em 1913, projecao menos deformadora. Nela a Grenlandia ja nao mais aparecia maior que a America Latina. Mas o preco a pagar por tal "fidelidade maior" era alto. A projecao Mercator era consagrada pela tradicao, a de Winkel nao o era. Se, em Winkel, a America do Norte se inclinava sobre a Europa, isto deformava, nao mais as proporcoes, mas agora a imagem habitual da Terra. Por isto, Peters tinha proposto, em 1977, estrategia oposta. Fazer projecao igualmente deformadora que a de Mercator, mas em sentido contrario, para compensar uma deformacao por outra. Em Peters, a Africa e a America do Sul passaram a ser linguas compridas e estreitas, e a Asia mancha informe. Destarte a manipulacao das projecoes ia tornando a superficie terrestre de mais em mais monstrosa. Mas as pessoas nao se davam conta do que estava acontecendo. Acreditavam tratar-se de problema tecnico de como projetar superficie esferica sobre superficies planas. Problema que tinha surgido por razoes praticas: naquela epoca comecava-se a tomar a rota polar entre a Europa e os Estados Unidos, rota essa falseada pela projecao Mercator.

Meu avo contava como, pelos fins do seculo 20, tal ingenuidade comecava a dissipar-se. Como nao mais era possivel sustentar-se que o problema era apenas tecnico, e como surgiam os seus aspectos codificadores. E que os atlas entrevam em crise de consenso. Explodiam em varias direcoes inesperadas, todas elas problematizadoras da faculdade humana de representar o mundo.

Numa de tais direcoes os atlas passaram a ser altamente coloridos. As cartas ditas geograficas nao mais mostravam um mar azul e um Imperio britanico vermelho, mas varias tonalidades de azul denotavam o relevo do solo oceanico, e varias tonalidades de verde, amarelo, marao e cinza as planicies fertes e deserticas, as serras baixas e altas. O leitor precisava aprender tal codigo de cores de atlas em atlas, ja que nao mais havia consenso geral quanto ao significado das cores. Mas isto nao era tudo. Ao lado de tais cartas geograficas o atlas continha cartas politicas, que coloravam os ditos paizes "independentes" com coloracao dife-

rente da dos departamentos estaduais, e da dos territorios coloniais ainda existentes. Pois nao bastava ter-se aprendido tal codigo de cores. Era ainda necessario sobrepor-se mentalmente as cartas politicas sobre as geograficas, e tornar-se as cartas politicas transparentes para a visao mental, para ler-se corretamente tais atlas. A "nova imaginacao", essa faculdade atualmente tao evoluida, comecava a ser mobilizada

Em outra de tais direcoes inesperadas os atlas passavam a focalizar a superficie terrestre. Por tal "zoom" iam surgindo series de cartas sempre mais focalizadoras. Carta dos Estados Unidos, seguida de carta do Estado de New York, seguida de carta da Cidade de New York, seguida de carta de Manhattan, seguida de carta do Central Park. Isto para permitir que fenomenos humanos como o e o Central Park sejam encaixados em fenomenos supra-humanos como o sao os Estados Unidos. Mas isto teve efeito colateral surpreendente. Nao mais era possivel folhar-se o atlas aleatoriamente, mas era preciso seguir-se a sequencia da serie: nao se podia saltar a carta do Estado de New York, se se queria enquadrar o Central Park no contexto dos Estados Unidos. E havia mais: todas tais cartas utilizavam os mesmos signos, mas enquanto simbolos diferentes. Um traco que, na carta dos Estados Unidos significava "rio", passou a significar, na carta do Central Park, caminho para pedestres. De modo que a convencionalidade dos codigos se tornava patente. O leitor nao mais decifrava a carta como representando o Central Park, mas como representando, sobretudo, determinada deliberacao codificadora. Outro metodo utilizado em tais atlas era o de projetar cartas familiares sobre cartas pouco familiares, por exemplo para leitor francez carta da Franca sobre carta da China, tendo as duas cartas a mesma escala. O proposito era o de permitir ao leitor a comparacao de distancias familiares com outras. O efeito colateral era o de tornar evidente o proposito do fabricante do atlas. Tais duas tecnicas, a do "zoom" e a da super-projeccao, foram emprestadas da industria cinematografica, ainda importante na epoca. E seu efeito colateral era o de tornar o leitor conciente do proposito manipulador do atlas.

Em uma terceira dimensao os atlas passaram a introduzir a historia na geografia. Os ditos "atlas historicos". Serie de cartas da Italia, que comecou por carta mostrando a invasao da peninsula pelos italos, e que terminou por carta mostrando a divisao politica da Republica italiana. Pois tais cartas exigiam codigos apropriados: un simbolo para "batalha", outro para "reino", outro para "mosteiro", mais outro para "revolta". Para permitir o seu deciframento, as cartas continham chaves. O proposito era permitir leitura bidimensional da historia, ate agora lida apenas linearmente. O efeito era revolucionario: em vez do leitor estar mergulhado na historia, passou a fazer-lhe face. Mas igualmente revolucionarios eram os efeitos colaterais de tais atlas. Fixar eventos em superficies implica cortar a corrente da historia em pedacos. Fazer serie de fotografias, nao filme. A historia se transforma de rio em montao de graos de areia. A visao processual cede lugar a visao quantica dos eventos. Como nao e possivel representar relacoes fluidas em superficies fixas, o leitor era obrigado a estabelecer, ele proprio, tais relacoes entre os eventos. Da carta da Italia voltar para a carta da Grecia, e avancar ate a carta da Franca. De modo que a dinamica da historia se transferiu da historia mesma para a imaginacao do leitor: era ele quem "brñcava historia" lendo tal atlas., Mas isto nao era tudo.

Os atlas historicos continham cartas inusitadas. Por exemplo carta mostrando a historia da Nigeria. O proposito era ultrapassar o eurocentrismo e permitir ao leitor visao abarcadora de historia da humanidade. O efeito disto era curioso. O leitor se dava conta que todos os eventos interessantes estavam contidos nas cartas do Ocidente, e que as demais cartas interessavam somente como comentarios explicativos das cartas do Ocidente. E surgiu nele a duvida: sera isto devido a "realidade" historica, ou ao fato de serem tais cartas produto do Ocidente? E mais isto: Tais atlas mostravam, obviamente, apenas os eventos que permitiam serem codificados pelos codigos "ad hoc" elaborados. Se nao havia simbolo para determinado evento, este nao era mostrado. Tornava-se pois patente um tipo novo de escolha historica: nao mais ideologica, (pelo menos nao "prima facie" mas criterio tecnico, codificante. Em soma: tais atlas desviavam o interesse da propria historia para a codificacao da historia: nao era mais a historia, era a representacao da historia que passava a fascinar os leitores.

Em uma quarta direcao os atlas passaram a introduzir a sociedade na geografia. Os ditos "atlas enciclopedicos". Cartas mostrando a distribuicao da humanidade na superficie terrestre. Sua escala nao mais eram quilometros, mas o numero de habitantes, mas os paizes continuavam a preservar seus contornos e sua posicao geografica relativa. Assim a India passou a ser tres vezes maior que os Estados Unidos, e a China passou a ocupar um quarto da superficie dos continentes. A coloracao dos paizes representava seu crescimento demografico: verde para crescimento zero, varias tonalidades de marrao paracrescimento mais alto. O Ocidente era verde, o Terceiro mundo marrao escuro. Meu avo dizia que tal leitura era dramatica: a imaginacao era levada a visualizar como, nessa epoca, o Sul se preparava a devorar o Norte. Outras cartas do mesmo tipo representavam o poder economico, militar, tecnologico dos varios paizes, sua situacao politica, social e cultural, e as guerras civis, revolucoes, e faminas pelas quais estavam passando. Meu avo dizia que tal leitura tornava verdade o mandamento de Shaw que e preciso chorar-se quando se le estatisticas. Mas o efeito colateral de tais atlas era inesperado. Mostravam eles a humanidade como especie de musgo quantificavel e codificavel que pulula na superficie da Terra. O leitor nao mais se identificava com tal massa, mas com os codificadores da massa. Nao mais era um homem que vive sobre a Terra, mas homem que se representa os homens sobre a Terra.

Meu avo dizia do medo e do entusiasmo que tal crise do atlas lhe causou, e que estava se dando conta do nascimento de um futuro medonho e cheio de promessas. Medo, porque os atlas de mais em mais dificilmente decifraveis se tinham tornado indispensaveis, e se introduziam entre ele e o mundo como plumbos. De modo que a orientacao no mundo se ia tornando sempre mais dificil no futuro. Entusiasmo, porque as novas cartas iam substituindo o cinzento do pensamento conceitual pelas formas e cores da "nova imaginacao". De modo que a ciencia, a politica e a arte do futuro se sintetizarao, como o faziam desde ja nessas cartas novas. Os novos atlas eram, para ele, janelas abertas rumo ao seu futuro, meu presente. Nao obstante, meu avo voltava sempre para os atlas velhos, com seus contornos classicos de Mercator, se seu proposito era de orientar-se.

Tais conversas do meu avo me vem a mente toda vez que aciono meu atlas. Ca  
 estou, encarando minha tela. Mando que nela apareca o indice do atlas contido na mi-  
 nha videoteca. Aperto a tecla correspondente ao Central Park, e aparece na tela se-  
 rie de imagens, visoes do Central park de varios angulos e em varias estacoes do ano  
 Fixo a imagem panoramica na primavera. Determinada arvore em flor me interessa. Man-  
 do que sejam recuperados os dados relativos na parte "botanica" da minha memoria-vi-  
 deo. Aparece holografia da arvore, esquema do seu metabolismo, da sua morfologia e  
 fisiologia, e sua posicao genetica, e a pergunta, se pretendo interessar-me em de-  
 talhes. Interrompo tal linha, e mando que se volte para o Central Park, tal como er-  
 no seculo 17. Aparece reconstrucao da cena. Interesse-me por determinado chapau  
 de senhora que por la passeia. Aparece modelo do chapau. Quero saber mais a respei-  
 to. A tela me informa que minha memoria oferece duas alternativas: a da historia da  
 moda, e a da historia do protestantismo. Opto pela primeira. Aparece serie de mo-  
 delos em horizontal: chapaus do seculo 17, e em vertical: seus precedentes. Interes-  
 so-me por determinado chapau do seculo 15. Aparece modelo detalhado. Quero ve-lo  
 em contexto. Aparece reconstrucao de Paris do seculo 15, carta de Paris, da Franca,  
 e da Europa. Basta. Minha nova imaginacao agarrou um dos multiplos aspectos do  
 Central Park que estao no meu programa.

Tal jogo da imaginacao com meu atlas e infinitamente mais informativo, rico  
 e belo que a leitura do atlas do meu avo, e tambem mais criativo. Posso incluir, na  
 minha memoria-video, imagens do Central Park feitas por mim proprio, posso bolar mi-  
 nhas proprias regras do jogo, e posso mudar o proposito do jogo. Tao fascinante e o  
 jogo que mal consigo interrompe-lo para voltar a minha circunstancia dita "concreta"  
 comparativamente tao enfadonha. Mas o jogo me deixa um gosto amargo na boca. E que  
 estou brincando com modelos, com sombras. Sombras que eu proprio programo, mas que  
 nao posso deixar de programar, se quero viver significativamente. Vivo em funcao de  
 tais sombras. Estou, eu proprio, ficando sombra.

Por certo: nao mais me preocupo com o problema da relacao entre modelo e mo-  
 delado que tanto inquietava meu avo: perdi toda ingenuidade ontologica ha tempos.  
 Sei que ser homem e ser jogador com sombras, e portanto ser sombra. Sei que meu avo  
 era, ele tambem, jogador com sombras ao ter folhado seu atlas. Mas devo admitir a  
 seguinte diferenca. Meu avo tinha papel entre as suas maos, e eu faco face a ima-  
 gens electronicas sem suporte. Meu avo manipulava, e eu apenas contemplo. Ora, quan-  
 do se tornam superfluas as maos, a acao, elatambem, atrofia. A consciencia teorica  
 de ser sombra passa a ser experiencia concreta. Como devem ter sidos belos os tem-  
 pos, quando ainda havia papel, e quando os atlas ainda eram livros.